



Informativo

WEC Brasil

Edição Nº 2

Janeiro - Junho/2020

Cartas Vivas **Enviadas ao Mundo**

FALANDO DE MISSÕES

O amor prova a espiritualidade

REFLEXÃO

Surpreendidos pelo uai

EVANGELIZAÇÃO E CULTURA

Com garfo ou com os dedos?

O **Informativo WEC Brasil** é uma publicação sem fins lucrativos, que tem como objetivo divulgar reflexões missionárias, testemunhos, notícias e a agenda da WEC Brasil. Foi desenvolvido para compartilhar informações úteis e edificantes sobre a realidade missionária, visando o despertamento da igreja para o cumprimento do seu papel na Grande Comissão dada por Jesus, até que Ele venha!

Diretor da WEC Brasil:

Sadler Lopes

Coordenação:

Departamento de Relações Públicas

Projeto Gráfico e Diagramação:

Wilson Cardoso Maia

Revisão de Texto:

Elza Mouraria Reis

Mirtes Aguiar Lopes

Participantes desta Edição:

Cácio Silva

Elza Mouraria Reis

Gabriel Meirelles

Ronaldo Lidório

Permitida a reprodução dos artigos, desde que citada a fonte.

INFORMAÇÕES: www.wecbrasil.com 31 98896-7725**SIGA-NOS:**

EDITORIAL

Olá parceiros missionários! Estamos disponibilizando mais uma edição do Informativo WEC Brasil. Nosso Informativo é feito especialmente para você, que gosta de informações consistentes para usar na edificação pessoal, reuniões de oração e cultos missionários. Tudo elaborado para estimular você (e outros através de você) a serem Cartas Vivas Enviadas ao Mundo! Este é o tema da WEC Brasil neste ano de 2020. Você encontrará um artigo escrito pela missionária Elza Mouraria Reis que amplia este assunto e que certamente irá tocar seu coração.

O missionário Cácio Silva também contribuiu com o artigo intitulado: “Com o garfo ou com os dedos?”, mostrando a empatia como solução para o etnocentrismo. No seu artigo: “Surpreendidos pelo uai”, o missionário Rosifran Macedo traz uma advertência no sentido de não exagerarmos a “novidade” da nossa situação atual. E o missionário Ronaldo Lidório discorre sobre uma preocupação recorrente quando apregoamos uma verdadeira espiritualidade, mas não amamos.

E ainda nesta edição você poderá ser edificado com o testemunho do missionário Gabriel Meirelles, que atualmente está servindo no Chade (África).

Nosso desejo é que você seja edificado e muito abençoado.

Boa leitura!

SUMÁRIO

**CAPA**

Cartas vivas - enviadas ao mundo
Página 03

**TESTEMUNHO**

Página 07

**FALANDO DE MISSÕES**

O amor prova a espiritualidade
Página 09

**REFLEXÃO**

Surpreendidos pelo uai
Página 12

**EVANGELIZAÇÃO E CULTURA**

Com garfo ou com os dedos?
Página 15

SOMOS Cartas Vivas



Elza Mouraria Reis

Há algum tempo, ouvi a respeito de um cristão que sempre convidava seu vizinho para ir à igreja, e ele respondia enfaticamente: “Hoje não posso. Estou lendo um livro!” Isso se repetiu por várias vezes, até que um dia, finalmente, aquele vizinho disse: “Hoje eu vou à sua igreja. Terminei de ler o livro” Naquela noite, o cristão e seu vizinho foram à igreja e naquela noite aquele homem recebeu Jesus em seu coração. No caminho de volta, curioso, o cristão perguntou: “Me diga uma coisa: que livro era esse que você demorou tanto para ler? ” E o vizinho respondeu: “O livro era a sua vida! ”

Esta ilustração nos mostra que, sem dúvida, haverá mais pessoas no Reino de Deus por terem visto sermões, do que por terem ouvido sermões.

Paulo escreveu: “Vocês mesmos são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos” (2 Coríntios 3.2). Ao declarar que somos Cartas Vivas, o apóstolo deixa claro que, onde quer que estejamos, todos estão nos lendo, mesmo se não estivermos em evidência. De fato, somos a Bíblia que muitos não cristãos irão ler por muitos anos até que se convertam (ou não!).

Ser Cartas Vivas é ter consciência de que o nosso

poder de influência é grande e abrangente. E o que é influência? É força moral ou espiritual, poder ou capacidade que tem efeito sobre pessoas e situações.

O AUTOR DAS CARTAS VIVAS

Paulo complementa seu pensamento dizendo: “Vocês demonstram que são uma carta de Cristo, resultado do nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos” (v.3). De fato, o Espírito Santo começou a redigir e continua redigindo, diariamente, Cartas Vivas na medida em que nos submetemos ao Seu senhorio, de modo que seu conteúdo apareça através dos nossos frutos, dons e talentos.

O CONTEÚDO DAS CARTAS VIVAS

Cada Carta Viva é peculiar. A história de cada um de nós constitui um conteúdo único e especial que, aliado ao poder do Evangelho de Cristo, causa o impacto necessário para que outros sejam levados ao Senhor.

Convém lembrar que uma carta bem escrita leva tempo. Isso indica que precisamos ter tempo com o Senhor: tempo de oração e de comunhão, para que diariamente seja escrita Sua mensagem em nós.



“ Todos os dias são escritos conteúdos novos em nossas vidas que serão lembrados por toda a eternidade.

Não há como ser uma carta legível de Cristo, uma testemunha fiel, uma luz brilhando nas trevas, sem obedecer ao Senhor, sem se apegar à Sua palavra e sem ter comunhão com Ele. Essa é a única maneira de levar ao mundo a Sua mensagem de amor e graça de forma clara, sem pronunciarmos palavra alguma em muitas ocasiões. Simplesmente sendo lidos!

O IMPACTO DAS CARTAS VIVAS

As Escrituras estão cheias de histórias de Cartas Vivas que glorificaram a Deus através dos séculos. Por exemplo:

* Zaqueu, que antes era cobrador de impostos (uma profissão detestável na época por causa do envolvimento com a corrupção), foi transformado por Jesus - Lucas 19.1ss;

* Maria Madalena foi liberta de sete demônios - Lucas 8.2;

* A mulher Samaritana, antes uma mulher de moral duvidosa, depois que encontrou Jesus, tornou-se uma evangelista em sua cidade - João 4.1ss.

A vida de cada cristão transformado pelo poder de Jesus torna-se uma Carta Viva ao mundo, conhecida e lida por todos os homens. Uma carta de Cristo, “escrita,

não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração” (2 Coríntios 3.3).

Todos os dias são escritos conteúdos novos em nossas vidas que serão lembrados por toda a eternidade. Embora as pessoas nem sempre emitam opinião sobre o nosso comportamento, é fato que estamos sendo lidos constantemente. Todos os dias, aqueles com quem encontramos ou com quem convivemos estão lendo o nosso exemplo, seja bom, seja mau. Como Cartas Vivas de Cristo, precisamos estar atentos ao nosso proceder, às nossas ações e à nossa maneira de viver. Tudo em nós precisa comprovar que Cristo verdadeiramente habita em nós.

Por isso, consideremos: como discípulos somos Cartas de Cristo ao mundo! Nosso procedimento precisa ser exemplar para que, naquilo que falam contra nós, observando-nos em nossas boas obras, glorifiquem a Deus – 1 Pedro 2.12.

O SELO DAS CARTAS VIVAS

O selo de uma carta é extremamente importante. É uma maneira de provar que o que está sendo enviado já está devidamente pago e dentro das normas da lei.

Somos selados por Deus a partir do momento que entregamos nossa vida ao Senhor Jesus.

Paulo explica: "... depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Efésios 1.13). "Mas o que nos confirma convosco em Cristo, e o que nos ungiu, é Deus, o qual também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações" (2 Coríntios 1:21-22).

Nos dias maus em que estamos vivendo, é imprescindível que continuemos a servir a Deus, vivendo uma vida cristã irrepreensível, sendo lidos e

observados por todos, como filhos de Deus, inculpáveis, no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandecemos como luzeiros no mundo - Filipenses 2.15.

Que o Senhor nos capacite, para que as pessoas O conheçam através da leitura do que somos e fazemos para Ele por Sua graça em nós. 

Elza Mouraria Reis - Missionária enviada pela Assembleia de Deus de Santos/SP, servindo na Base da WEC Brasil em Belo Horizonte/MG. É casada com o Miss. Valter Reis e mãe de Larissa e Luanne.

Promotores de ORAÇÃO

**Ore e encoraje outros
cristãos a orarem pela
evangelização do mundo.**

**JUNTE-SE A NÓS! RECEBA
SEMANALMENTE O BOLETIM DE
ORAÇÃO.**



Por E-mail: Preencha o formulário que está em nosso site:

www.wecbrasil.com
acessando o menu "envolva-se"



Pelo WhatsApp (31) 98896-7725
Envie uma mensagem com seu nome e escreva: "Quero receber o Boletim de Oração."



Missões de Curto Prazo >>

EXPERIÊNCIA
MISSIONÁRIA
TRANSCULTURAL
DE 1 A 2 ANOS



Steven Lewis

A WEC Brasil tem o prazer de apresentar-lhes um trabalho muito especial, o Ministério WEC Trek Brasil. A palavra trek em português significa caminhada, percurso. Você gostaria de viver uma maravilhosa jornada ajudando equipes nos campos missionários? Se sim, esta é sua oportunidade.

Este ministério prepara pessoas para ajudarem equipes em campos transculturais pelo prazo de 1 ano a 2 anos. Para você que sonha em trabalhar com missões ou ter uma experiência transcultural por um período determinado, essa é sua melhor escolha. A WEC Internacional está presente em mais de 90 países com uma grande variedade de ministérios sociais e evangelísticos.

Requisitos para participar: Ser maior de 18 anos, falar inglês fluente e/ou a língua do país escolhido, ter o sustento financeiro garantido e o apoio de sua igreja local.

O treinamento acontece na Base da WEC Brasil que fica em Belo Horizonte – MG e pode durar de 1 a 3 semanas dependendo da quantidade de pessoas. É feito sob demanda e nossa equipe está sempre pronta para receber você.

Jesus advertiu sobre a realidade dos campos em Lucas 10.2: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos”. Nós, como agência missionária, rogamos ao Senhor da seara que envie mais trabalhadores. Você pode ser um deles!

Ore e se disponha para Deus, Ele é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos.

WEC Trek Brasil

INFORMAÇÕES:

☎ (31) 98896-7725

✉ trek@wecbrasil.com.br

MINHA EXPERIÊNCIA COM MISSÕES DE CURTO PRAZO

TESTEMUNHO

Gabriel Meirelles

Meu nome é Gabriel Meirelles. Nasci em Campinas – SP, tenho 28 anos e desde os 9 anos Deus já colocou em meu coração o desejo de ser missionário. Porém, ao longo dos anos fui me distanciando dos sonhos de Deus para a minha vida. Após me formar em Engenharia Agrícola pela Unicamp, trabalhei como engenheiro por um tempo, até que um dia Ele me chamou novamente e me mostrou que eu devia fazer tudo diferente. E uma nova história começou.

Deus me direcionou para servir, junto com a minha igreja, em uma organização social que cuida de crianças em estado de vulnerabilidade no Piauí e lá eu passei 6 meses servindo e aprendendo muito. Depois desse tempo, fui para os Estados Unidos e para o Sudeste Asiático participar de um treinamento para missões. Nesse período Deus colocou no meu coração o Chade, um país no Norte da África, para poder servir nesse local, compartilhando o amor de Deus com esse povo.

Procurei organizações missionárias que estivessem nesse país e encontrei a WEC (Worldwide Evangelization for Christ). Participei de um programa de Missões de Curto Prazo, por 1 ano e 3 meses no Chade, servindo na escola de inglês da organização, dando aulas para os Chadianos e me relacionando com eles, sendo luz nessa nação. De volta ao Brasil, terminei o seminário e recebi o treinamento do POC (Programa de Orientação ao Candidato) na base da WEC Brasil em Belo Horizonte, para ser missionário de longo prazo com essa organização e com a qual atualmente tenho servido no Chade.

“

Pude experimentar a vivência no campo com outros missionários de curto e longo prazo e foi muito edificante esse processo.



Gabriel Meirelles

O período de Missões de Curto Prazo foi muito importante para mim, pois foi quando tive o primeiro contato com esse povo e também pude conhecer a organização missionária de perto. Nesse programa de curto prazo eu tinha a possibilidade de ficar até dois anos no país. Lá eu pude aprender o idioma (árabe chadiano), fazer muitas amizades e ter muitas oportunidades de fazer a diferença sendo uma testemunha de Jesus. Pude experimentar a vivência no campo com outros missionários de curto e longo prazo e foi muito edificante esse processo.

A experiência de curto prazo no mesmo campo que estou servindo como missionário de longo prazo, facilitou o meu processo de vivência, saber como trabalhar junto com a equipe, além de já ter começado o processo de aprendizado do idioma durante o período de curto prazo, o que me fez chegar ao país novamente com muito mais experiência e conhecimento.

Acredito que esse Programa de Missões de Curto Prazo pode proporcionar muitas experiências que confirmam o direcionamento de Deus para um ministério de longo prazo. Para mim aumentou ainda mais a convicção que eu já tinha de que Deus estava

me chamando para vir para esse país por um longo período.

Passei por muitos desafios que são naturais para qualquer novo missionário que vai pela primeira vez ao campo ou está de retorno, passei pelo choque cultural, adaptação ao país e aprendizado do idioma, entre outros muitos aprendizados que foram essenciais para o meu crescimento.

A cada momento que passa tenho crescido mais em intimidade com Deus e tenho percebido que minha dependência dele tem aumentado a cada dia. Sou grato a Deus por ter tido essa experiência e por Ele ter me ensinado muito durante esse processo. 

Gabriel Meirelles - Missionário da Igreja do Nazareno Central de Campinas, trabalhando em parceria com a WEC Brasil no Chade/África.

O Amor

PROVA A ESPIRITUALIDADE



Ronaldo Lidório

Nestes dias tenho pensado sobre os essenciais da nossa fé. Estou convicto que os periféricos da vida podem facilmente nos desviar de praticarmos um Cristianismo bíblico e simples, fazendo com que nossa atenção, energias, dons e relacionamentos se desgastem nas notas de rodapé de uma religiosidade quase vazia. Há diversos essenciais na vida Cristã. Um deles é o amor.

Preocupo-me quando apregoamos uma verdadeira espiritualidade, mas não amamos. Quando a Igreja não consegue chorar com os que choram ou quando nossos relacionamentos vão se tornando cada vez menos sinceros e mais utilitários. Preocupo-me quando o

mundo age com mais graça e misericórdia com o caído do que o povo de Deus, que deveria ajudá-lo a se erguer. Preocupo-me quando a Igreja passa a definir sua experiência de fé a partir de seus ajuntamentos solenes e não dos seus relacionamentos diários.

Ao escrever a primeira carta aos Coríntios o apóstolo Paulo reserva os capítulos 12 e 14 para expor sobre os dons espirituais pois era um assunto de interesse e necessidade. Entre os dois capítulos sobre os dons espirituais o Apóstolo enxerta um dos textos mais definidores da nossa fé, 1º Coríntios 13, que nos apresenta a centralidade do amor na vivência Cristã. Mostra-nos, assim, a possibilidade de sermos

“Torna-se, assim, impossível amar sem que as marcas do amor sejam vistas pelos que passam pela mesma estrada que nós.

uma Igreja com aparência, forma e discurso espiritual, mas de fato carnal. Com a presença de dons espirituais, mas sem o essencial da nossa fé. A mensagem nestes capítulos é clara: o amor é superior aos dons.

Sempre temo reler os 3 primeiros versículos deste capítulo pois confrontam minha vida ao afirmar que podemos ter dons espirituais, tamanha fé ou praticar toda sorte de ações sociais, porém sem amor nada haverá que, ao fim, possa ser aproveitado. Nem sermões bem preparados ou liturgias cúlticas. Nem ações missionárias ou grandes projetos sociais para ajudar o pobre e necessitado. O amor, aqui exposto, não é apenas superior aos dons mas um marcador de nossa identidade Cristã. Somos dEle quando buscamos amar.

Isto significa que minha vida em Cristo não pode ser definida puramente pelos dogmas que entendo e aceito, por um lado, nem mesmo pelas experiências de espiritualidade que vivencio, por outro. Sem amor serão vazios de significado. Minha vida em Cristo é definida pela presença do amor que não apenas é essencial como também é automanifesto. Para nosso temor e tremor o Espírito descreve neste capítulo que o amor é perceptível, deixa marcas. Ele é prático, notável e visível. Ele é paciente, esperando pela hora oportuna para o outro. É benigno, fazendo com que a dor do vizinho seja também a nossa. Não arde em ciúmes, portanto evita comparações e se nega a criticar o próximo. Torna-se, assim, impossível amar sem esta autoevidência, sem que as marcas do amor sejam



vistas pelos que passam pela mesma estrada que nós. Precisamos amar o próximo o mínimo para não criticá-lo. Este próximo, o outro, diferente de nós, é nossa base de testes, o cenário onde devemos aprender a praticar o ato mais sublime que vem do Pai.

O amor prova a espiritualidade. Somos naturalmente seres construtores de máscaras e tais máscaras tendem a esconder aquilo que é nitidamente carnal e vergonhoso. Assim, usando máscaras bem elaboradas, podemos falar sobre fé sem de fato crer; pregar contra o pecado sem intimamente repudiá-lo; expor sobre o amor e na manhã seguinte prejudicar o irmão. Um mecanismo que claramente prova nossa espiritualidade é este: atos de amor.

O oposto do amor também é evidente. Gera incrível tolerância com nossas próprias limitações e fraquezas e torna-se gravemente intolerante com o próximo. Desta forma, se alguém conversa com formalidade, é antipático, mas se nós o fazemos somos respeitosos. Se alguém brada ao pregar, está sendo artificial. Se nós bradamos é sinal de espiritualidade. Se alguém não faz, é preguiçoso, mas se nós não fazemos somos ocupados. Se alguém contrai uma dívida é irresponsável e desequilibrado. Se nós nos endividamos é porque recebemos pouco. Se alguém discorda é soberbo, mas se nós discordamos somos criteriosos. Se alguém critica, ele o faz por estar tomado de inveja

“ Um mecanismo que claramente prova nossa espiritualidade é este: os atos de amor.

ou ciúmes. Se nós criticamos estamos sendo zelosos. Se alguém repete um sermão, está sendo desleixado, mas se nós o fazemos Deus quer falar novamente ao seu povo. Se alguém erra, era de se esperar vindo dele. Se nós erramos, errar é humano. Se alguém cai, suas atitudes carnavais já indicavam isto. Se nós caímos, o inimigo preparou-nos uma armadilha. Se alguém brinca, está sendo mundano. Se nós brincamos somos informais. Se alguém ofende no falar é descontrolado. Se nós o fazemos somos sinceros. Sim, o amor testa a espiritualidade.

Do versículo 9 em diante vemos que o amor é um aprendizado. Eu era menino e agora sou homem, via de forma obscura agora vejo claramente. Ou seja, amar é um processo, uma caminhada. Nós não nascemos amando.

Para amarmos devemos pedir que Ele nos ajude. O salmista no Salmo 119:2 afirma que andará nos caminhos do Senhor quando Ele dilatar o seu coração. Precisamos de corações dilatados, abertos, prontos para amar. Peçamos ao Pai, pensando nos cenários diários de nossas vidas, dizendo: ensina-me a amar. Para amar precisarmos também nos desapegar daquilo que é incompatível com o amor. John Edwards, em seu livro Afeto Religioso, nos fala sobre a incompatibilidade do amor com as palavras de agressão. Devemos nos desapegar daquilo que pretere o amor em nossas vidas. Jamais amaremos enquanto nossa agenda diária estiver repleta de competitividade, ciúmes, falso zelo, comparações desnecessárias, soberba e agressões.



Lutero, citado por Mahaney em seu livro “Glory to Glory”, nos disse que “esta vida, portanto, não é justiça, mas crescimento em justiça. Não é saúde, mas cura. Não é ser, mas se tornar. Não é descansar, mas exercitar. Ainda não somos o que seremos, mas estamos crescendo nesta direção. O processo ainda não está terminado, mas vai prosseguindo. Não é o final, mas é a estrada. Todas as coisas ainda não brilham em glória, mas todas as coisas vão sendo purificadas”.

Após pregar sobre os essenciais da nossa fé na Igreja Konkomba de Gana em 1999 lembro-me que um dos crentes me procurou após o culto perguntando: por onde devo começar? Fui para casa pensando nesta pergunta. No outro dia o procurei e rapidamente o encontrei embaixo de uma árvore rodeado por amigos em alegre conversa. Sentei-me ao seu lado e sussurrei no seu ouvido: comece procurando aquele com o qual você foi intolerante, e não amou como Cristo. Após um minuto pensativo ele se levantou e saiu caminhando com passos curtos e lentos. Santa caminhada. Nada fácil, mas alegre o coração daquele que é Amor. 

Ronaldo Lidório - É pastor presbiteriano e missionário trabalhando em parceria com WEC Internacional e APMT – Agência Presbiteriana de Missões Transculturais.

SURPREENDIDOS PELO UAI

CS Lewis e a ameaça do novo coronavírus

Rosifran Macedo

No livro *Present Concerns*¹, uma coletânea de vários artigos escritos por C.S. Lewis, há um artigo com o título *Vivendo numa Era Atômica*, onde ele apresenta uma resposta à pergunta: “Como viveremos numa era atômica?”. O artigo foi escrito em 1948, três anos depois da explosão da bomba de Hiroshima, quando o mundo estava tentando lidar com a nova realidade da possibilidade de uma explosão nuclear que pudesse destruir grande parte da humanidade.

A resposta dele é apropriada a qualquer outro momento quando vivemos com alguma ameaça à vida humana, de proporção global, como é o caso da atual epidemia do novo coronavírus:

“Uai, (sim, no inglês a palavra *why* pode ser usada de modo parecido como os mineiros usam o *uai*), da mesma maneira que você viveria no século 16 quando a ‘peste’² visitava Londres quase todos os anos, ou como você viveria na era Viking quando os invasores da Escandinávia poderiam chegar a qualquer noite e cortar suas gargantas; ou na realidade, como você já está vivendo numa era de câncer, de sífilis, de paralisia, uma era de bombardeamento aéreo, de acidentes ferroviários, de acidentes rodoviários.”

Em outras palavras, não devemos começar a exagerar a “novidade” da nossa situação.

“Você, bem como todos os que você ama, já estavam sentenciados à morte antes da bomba atômica ter sido inventada; e uma boa parte de nós iremos morrer de

uma maneira desagradável. Nós, de fato, temos uma grande vantagem sobre os nossos antepassados – anestesia. É perfeitamente ridículo sair por aí choramingando com a cara amarrada porque os cientistas adicionaram mais uma opção de morte dolorosa e prematura a um mundo, já arrepiado por tantas opções, no qual a morte, em si, não é uma opção, mas uma certeza. A primeira coisa a fazer é controlar-se. Se todos nós vamos ser destruídos por uma bomba atômica, quando a bomba chegar, que ela nos encontre fazendo as coisas sensatas e humanas – orando, trabalhando, ensinando, lendo, ouvindo música, dando banho nas crianças e não amontoados como ovelhas amedrontadas pensando sobre bombas. Elas podem quebrar os nossos corpos (um micróbio pode fazer isto – no nosso caso um vírus) mas elas não precisam dominar nossas mentes.”³

C.S. Lewis destaca que a nossa reação a esta pergunta vai depender da nossa resposta a outra pergunta: “O Universo é a única coisa que existe?”. Ele mostra que a ciência já fala que um dia todo o universo chegará a um fim, e se cremos que ele é tudo o que existe então não há muita razão para esperança, pois ele é “um navio naufragando” e que, a longo prazo, ele “não é muito a favor da vida”. O que a guerra (Lewis estava vivendo com a memória das duas grandes guerras), a ameaça climática, e a bomba atômica fizeram foi, abruptamente, lembrar que tipo de universo vivemos, e nos fez perguntar se o final vai chegar prematuramente por causa da intervenção humana.

Mas se cremos que o Universo não é a única coisa que existe, que na realidade somos irmãos, e temos um Criador comum, isto muda completamente a nossa atitude, a situação se torna mais tolerável. Lewis mostra que talvez não sejamos prisioneiros, mas colonizadores do universo, aprendendo a conviver com ele e a lidar com as intempéries que enfrentarmos. Mas, acima de tudo, devemos viver

de acordo com os valores que refletem o caráter do Criador, como amor e sobriedade, e não a lei natural da “sobrevivência do mais forte”. Lewis fala que esta última é, justamente, a maior ameaça à existência da humanidade ou de uma nação.

Além de guiarmos nossas vidas e relações por estes princípios, também, se cremos num Criador amoroso e gracioso, podemos descansar no seu cuidado com a vida humana, em qualquer situação que vivemos, em meio a qualquer ameaça que estejamos enfrentando. O apóstolo Paulo, escrevendo para a igreja em Roma, que estava enfrentando dificuldades, mas que em breve passaria por uma das mais cruéis perseguições, sob a tirania de Nero, faz uma pergunta semelhante: “Será que a tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada nos separará do amor de Deus?”. O foco da pergunta não é se alguma destas crises pode fazer com que desviemos da fé em Deus, mas se ao enfrentarmos alguma delas, ela poderá gerar em nós um sentimento de que está ocorrendo fora, separado, do amor cuidadoso de Deus por nós. Sua resposta é bem taxativa. NADA. Nenhuma delas deve nos dar a impressão de que estão ocorrendo separadas do amor de Deus. Tudo que acontece conosco está dentro do Seu amor e cuidado para conosco. Não importa o problema que estejamos enfrentando, toda nossa vida está sob o cuidado amoroso e gracioso Dele. E mais ainda: “Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou” (Rm 8.35-39). 

Rosifran Macedo - é pastor presbiteriano, mestre em Novo Testamento pelo Biblical Theological Seminary (EUA). É missionário da WEC Brasil, onde foi diretor geral por nove anos. Atualmente, dedica-se, junto com sua esposa Alicia Macedo, em projetos de cuidado integral de missionários.

Notas

1. Present Concerns, editado por Walter Hooper, Harper Collins, Nova Iorque, 2017. O artigo ‘On Living in an Atomic Age’, publicado na revista Informed Reading, vol. VI, 1948, pp. 78-84.
2. A Peste Negra, ou Peste Bubônica, foi a maior pandemia da história humana, que ocorreu na Eurásia, entre 1323 e 1353, com aproximadamente 75 a 200 milhões de mortos.
3. Present Concerns, pp. 91-92.

NOVOS OBREIROS



Estamos a caminho de mais um encerramento do POC 2020. Pois 5 novos campos menos evangelizados, estarão recebendo missionários. Louvamos a Deus por toda segurança e direcionamento numa rota bem diferente do planejado. Portanto tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus. Rm 8.28

Missões
de
longo
prazo

POC 2021

Programa de Orientação ao Candidato

Este programa tem como objetivo proporcionar o entrosamento do candidato à WEC Brasil, estreitar os laços de comunhão e confiança mútua, e também confirmar o direcionamento para missões transculturais do candidato.

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Informações & Inscrições:

✉ admissao@amem.org.br

🌐 www.wecbrasil.com

☎ (31) 98319-8365



WEC Brasil



Pixabay

Com garfo ou com os dedos?

Cácio Silva

Um representante da sociedade ocidental recepcionava um estudante indiano em um restaurante. Alarmado por comentários de que os indianos não usam talheres para suas refeições, perguntou com ar de crítica e reprovação: “Na Índia, vocês realmente comem com os dedos?” O indiano prontamente lhe respondeu: “Você sabe, na Índia vemos as coisas de maneira diferente. Eu sempre lavo minhas mãos com cuidado antes de comer e só uso minha mão direita. Além disso, meus dedos nunca foram levados à boca de ninguém. Quando olho um garfo ou uma colher, fico sempre pensando que muitas outras pessoas estranhas já os colocaram na boca!”



O ocidental fez um julgamento baseado nos seus pressupostos culturais acerca dos bons modos e da higiene. O indiano respondeu igualmente baseado em seus pressupostos culturais, que o fazia ver o ocidental de igual forma inadequado e anti-higiênico! Cada cultura possui seus próprios critérios para avaliar o feio e o belo, o gentil e o grosseiro, o educado e o mal-educado. O que nos leva a julgar a cultura do “outro” como inapropriada é o sentimento de etnocentrismo. O antropólogo brasileiro, Everaldo Rocha, resume etnocentrismo como a visão de mundo onde o grupo do “eu” está no centro em relação aos grupos dos “outros” que estão na periferia. Para o antropólogo e missiólogo Paul Hiebert, etnocentrismo tem a ver com sentimentos de superioridade e com a tendência humana de reagir de forma defensiva sempre que questionados. Quando nossa cultura é confrontada por outra, nossa defesa é evitar a questão, concluindo que somos melhores e mais civilizados.

Isso acontece não apenas no campo missionário, mas no nosso dia-a-dia também, quando assistimos com olhar de reprovação a um documentário sobre indígenas, por serem “sujos e preguiçosos”; quando lembramos dos africanos com pena por serem “primitivos e selvagens”; quando comentamos pejorativamente sobre o “primo caipira” que vive no interior, por ser desajeitado, sem cultura e inadequado.

Esquecemos que os indígenas também nos acham estranhos, neuróticos com limpeza e gananciosos, ávidos por riquezas, devido

à nossa forma estressante de trabalho; esquecemos que muitos africanos nos vêem como seres de um outro mundo, onde máquinas ocupam lugares de pessoas, onde algumas pessoas são esquecidas nas ruas da amargura, outras são enjauladas como animais selvagens e animais são tratados como pessoas; esquecemos que o “primo jeca” do interior nos vê como boçais metidos a besta, que usam um português correto para muitas vezes humilhar e menosprezar o iletrado.

A solução para o etnocentrismo é a empatia. Esta também está ligada aos sentimentos, manifestando-se como a atitude intencional de procurar sentir o que sentiria o “outro” caso estivéssemos em sua situação. O sentimento de empatia nos possibilita ver a cultura do “outro” como “diferente” e não como inapropriada. A empatia nos leva a buscar compreensão ao invés de reprovação. Claro que nem todo “diferente” é necessariamente aceitável e bom. Toda cultura tem suas mazelas, julgadas e condenadas pela atemporal e supracultural Palavra de Deus. Mas a empatia cultural nos ajuda, de forma mais humilde e cristã, a olhar o “outro” como gente e sua cultura como um bem precioso. O Mestre da Galiléia tinha empatia e só a obteremos quando tivermos “o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”. 

Cácio Silva - É pastor presbiteriano e missionário entre indígenas da Amazônia desde 2006, pela WEC Internacional e APMT – Agência Presbiteriana de Missões Transculturais.

“

**E como pregarão, se
não forem enviados?
Como está escrito:
Quão formosos são os
pés dos que anunciam
coisas boas!**

Rm 10.15



WEC Brasil

Alcançando os povos não
alcançados em parceria com a
igreja brasileira

